TRAJETÓRIA EM *TRANSCENSUS*: LUIZ DE CASTRO FARIA (1913-2004)

ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA

> Não tenho nenhuma simpatia pelo memorialismo. A matéria privilegiada desse gênero - uma espécie de *curriculum vitae*, discursivo e comentado - é bastante pobre no meu caso. Além disso, falar na primeira pessoa foi sempre para mim uma quase violência. Falarei apenas o mínimo, apenas para situar-me, quando indispensável (Castro Faria, 1982).[1]

Castro Faria, no decorrer de sua vida profissional, evitou as tentações autobiográficas e sempre desencorajou os biógrafos e as pretensões de ser biografado. Chamava a atenção, sobretudo, para os riscos de serem reproduzidas auto-evidências e de serem endossados acriticamente ditames de consagração que só reforçariam o "instinto conservativo". Considerava tal "instinto" um dos fatores de inércia da produção intelectual, constituindo-se em um sério obstáculo ao conhecimento científico. Para tanto mencionava sempre o "epistemólogo irreverente" e jocoso, citado por Bachelard, em "A formação do espírito científico", que dizia o seguinte:

> Os grandes homens são úteis à ciência na primeira metade de sua vida e nocivos na outra metade. O instinto formativo é tão persistente em alguns pensadores, que essa pilhéria não deve surpreender. Mas, o instinto formativo acaba por ceder ao

1. Primeiro parágrafo da palestra intitulada "A antropologia no Brasil. Depoimento sem compromissos de um militante em recesso", proferida em setembro de 1982 na Universidade de Brasília, como atividade comemorativa dos dez anos de existência do curso de pós-graduação em Antropologia Social na UnB, dos cem anos da Exposição Antropológica Brasileira e dos vinte anos da UnB. Publicada no Anuário Antropológico de 1982 (p. 228-250) e reeditada em Castro Faria (1993).

Anuário Antropológico/2004
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005: 225-242

> instinto conservativo. Chega o momento em que o espírito prefere o que confirma seu saber àquilo que o contradiz, em que gosta mais de respostas do que de perguntas. O instinto conservativo passa então a dominar, e cessa o crescimento espiritual (Bachelard, 1996: 19).

De maneira deliberada o discurso biográfico tornou-se um dos objetos de reflexão dos cursos ministrados por Castro Faria, sendo focalizado como um dos gêneros literários preferenciais de "intelectuais notáveis" e dos aspirantes à notoriedade, além de consistir em um destacado componente dos rituais de legitimidade e consagração. Ao romper com a sociologia espontânea da biografia, Castro Faria asseverava que a abordagem biográfica pode ser um instrumento de investigação privilegiado, desnaturalizando as noções correntes que descrevem a "história de vida" de produtores intelectuais de modo espontâneo, consoante efeitos lógicos, encadeados e coerentes, e segundo uma certa constância descrita como uma "trajetória" ou um "caminho", uma "rota", um "percurso" ou uma "carreira" com suas encruzilhadas e desafios.[2]

Castro Faria alertava, pelo menos desde 1972, para os riscos de se produzir hagiografias[3] e cuidou ele mesmo de escrever seu epitáfio, de maneira sardônica. Expondo a si mesmo e aos outros, em um drama satírico, redigiu também sua lápide, polemizando até o fim com panegiristas e hagiógrafos. Investiu-se da autoridade de autor da inscrição de sua pedra sepulcral e da condição de ser seu próprio epitafista, fazendo circular entre seus pares mais próximos o que seria o seu "elogio póstumo", com notada intenção satírica, que tratava um vivo como se morto já estivesse. Imaginava desencorajar, com essas críticas mordazes, uma certa tradição douta e assaz erudita de proferir discursos laudatórios e encomiásticos em cerimônias fúnebres ou em

2. Castro Faria desde o início dos anos 1970 incluía tópicos, em sessões de seus cursos, sobre a sociologia da biografia. Com os desdobramentos desses estudos mencionava, para efeitos de aprofundamento, o volume do *Actes de la recherche en sciences sociales* n. 62/63 de junho de 1986, que trata especificamente da obra *L'illusion biographique*, e em especial o texto com esse título, de autoria de P. Bourdieu (p. 69-71).

3. No segundo semestre de 1972, Castro Faria ministrou no PPGAS - Museu Nacional o curso intitulado "História das idéias etnológicas no Brasil", começando a tratar essa questão de maneira menos passageira. Três anos depois, após leituras mais detidas de G. Bachelard, K. Mannheim, M. Foucault e P. Bourdieu, aprofundou suas formulações em um outro curso, "História da Antropologia/História do pensamento social no Brasil", ministrado com Moacir Palmeira, na mesma instituição.

sessões solenes, em louvor a um morto ilustre, de academias e de museus ou ainda nas inevitáveis homenagens postumárias. Em decorrência posicionava-se de maneira severa face à narrativa ingenuamente hagiográfica dos oradores, que para ele seriam "declamadores", e sua gesticulação exagerada. De certo modo escolheu como queria que seu corpo fosse encomendado, buscando ser um agente ativo na seqüência cerimonial em torno de seu próprio féretro, falando quando a regra do jogo ditava que ficasse mudo. E foi o que sucedeu no dia seguinte ao seu falecimento, em 16 de agosto de 2004, à beira de sua tumba, no cemitério Parque da Colina, em Niterói, quando foi lido, sem polidez afetada, o epitáfio que produzira.

Pode-se dizer que Castro Faria buscou controlar todas as etapas da sequência cerimonial desse ritual de separação que, aliás começou a ser vivido bem antes de seu passamento. No derradeiro lustro de sua existência, empenhou-se em administrar o destino dos principais produtos físicos de sua ação intelectual. Tomou decisões quanto à sua biblioteca particular, ao acervo iconográfico e ao que ele denominava de "arquivo pessoal", que compreende sua correspondência, anotações de leitura, projetos, manuscritos, textos inéditos, gráficos, diagramas, croquis, mapas e fotografias. Em meados de 1999, autorizou e constituiu formalmente um Conselho Curador para cuidar da classificação e da devida preservação de seu acervo.[4] Celebrou, em agosto de 2000, um termo de doação de seu arquivo pessoal, com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)/Museu de Astronomia e Ciências Afins.[5] Em 2001 e 2002 assinou contratos de direitos autorais com duas diferentes editoras, estabelecendo em um deles bases comerciais que até então desconhecera nas editoras universitárias e na imprensa oficial onde, segundo afirmava com ironia, prevalecia a tríade: "Muito respeitado, pouco lido e quase nada vendido". De modo concomitante começou a preparar os originais de livros que ainda estão por serem publicados. Com esse propósito orientou trabalhos de aprimoramento e de investigações complementares para o fechamento definitivo desses trabalhos inéditos. Desde setembro de 1999, assistiu os trabalhos de avaliação monetária de sua biblioteca

4. Compõem este Conselho Curador Moacir Palmeira, Heloisa Bertol Domingues e Alfredo Wagner.

5. O contrato de doação foi publicado no Diário Oficial da União. Brasília, 24 de outubro de 2000. O Termo Aditivo ao contrato de doação do Arquivo Castro Faria é de 27 de julho de 2001.

e, a seguir, em 2003, acompanhou os trâmites iniciais de sua aquisição e destinação para instituição universitária, qual seja, o Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A esse tempo monitorou a fase inicial dos trabalhos de classificação de seu arquivo pessoal, funcionando como um *autodescriptor* de seu próprio arquivo,[6] isto é, opinando abertamente, desautorizando ilações, recusando atos seletivos de documentos realizados pelos pesquisadores e questionando os critérios de classificação por eles adotados. Com meticulosidade e desvelo supervisionou todas essas tarefas do que dizia ser e vivia como "a despedida".

Mas, como os ritos fúnebres são mais extensivamente elaborados, como diria Van Gennep, estendendo-se por um tempo de duração mais dilatado do que outros rituais, e as cerimônias de celebração da morte bastante complexas, como no caso de intelectuais consagrados, nem tudo pode ser previsto ou controlado de antemão. Dependendo da idade, da posição hierárquica, do tipo de reconhecimento de sua produção científica e da intensidade de suas ações, as homenagens póstumas podem se suceder continuamente, em consonância com calendários de eventos e de efemérides de instituições e revistas científicas. Ainda mais em se tratando de um intelectual renomado e longevo como Castro Faria, com 68 anos de prática científica ininterrupta em instituições acadêmicas de excelência, isto é, desde 1936, no Museu Nacional até o primeiro semestre de 2004, ministrando curso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal Fluminense (UFF).[7] Sublinhe-se ademais que Castro Faria faleceu com 91 anos quando, não obstante as dificuldades de deslocamento físico e as enfermidades, ainda estava vinculado à sala de aula, lecionando em colaboração com ex-alunos, e publicava livros e mantinha contatos regulares com seus pares. Mediante este quadro as condições de possibilidade de controle e de previsão rigorosa de etapas rituais póstumas mostram-se bastante remotas e evidenciam limites.

Pode-se dizer, por consequinte, que ele previu quase tudo, mas não deixou, todavia, um obituário pronto, vazado à sua vontade e em seu estilo

---

6. Cf. Almeida (2003).
7. O último curso que ministrou no PPGA da UFF, com a colaboração de Alfredo Wagner, foi encerrado em julho de 2004, um mês antes de seu falecimento, e se intitulava "Coalizões intelectuais e formas de intervenção pública. Transformações, impasses e concorrência pela legitimação no campo da produção antropológica no Brasil".

peculiar e elegante,[8] para atender às previsíveis demandas de periódicos científicos, que mantém sessões voltadas exclusivamente para o registro comentado de falecimento de cientistas.

Quando os editores[9] do Anuário Antropológico me convidaram para elaborar este obituário, inicialmente, relutei, porquanto não detenho qualquer poder de *fala institucionalizada*, característica de quem profere o elogio. A autoridade de que sou investido seria tão-somente aquela de epígono, com todos os condicionantes afetivos ou de inclinação por simpatia de quem trabalhou durante anos em projetos de pesquisa com Castro Faria e não necessariamente aquela de par ou igual em condição. Por aproximação com este último critério o convite certamente recairia em inúmeros antropólogos de renome e de gerações anteriores à minha, como Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto Da Matta e Moacir Palmeira, dentre outros que trabalharam lado a lado com Castro Faria em etapas importantes do processo de consolidação do campo da produção antropológica no Brasil.

Depois de recorrer a leituras de textos do próprio Castro Faria e me aconselhar com outros pesquisadores, que também se encontram debruçados sobre sua produção científica, acatei, entretanto, a escolha e decidi então limitar-me ao menos discutível e talvez ao mais simples e direto, objetivando ser fiel às proposições do autor e propiciando tão-somente notas biográficas e referências bibliográficas. Para tanto me inspirei naqueles próprios escritos de Castro Faria, antes compulsados, pois, ainda que não tenha produzido seu próprio obituário, ele produziu obituários de alguns de seus pares, além de participar de cerimônias em louvor de outros antropólogos falecidos. Elaborou os obituários de E. Roquette Pinto[10] e de Eduardo Galvão[11] e proferiu conferências, igualmente publicadas, nas comemorações do centenário de nascimento de João Batista de Lacerda, que ele classifica como "o

8. Por estilo elegante estou me referindo ao português castiço de Castro Faria e aos textos concisos que produzia, forjados nas leituras orientadas de clássicos portugueses, principalmente Eça de Queiroz e Alexandre Herculano, desde quando fez seu curso secundário no Colégio São Bento, no Rio de Janeiro.

9. E mais especificamente o antropólogo Luis Roberto Cardoso de Oliveira.

10. Cf. Castro Faria (1959).

11. Cf. CASTRO FARIA, L. de. Eduardo Galvão (1921-1976). *Anuário Antropológico*. 1976. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro. 1977. p. 347-354.

primeiro antropólogo brasileiro",[12] e Alberto Childe.[13] Produziu também um elogio biográfico no tributo à memória do etnólogo Curt Nimuendajú,[14] organizado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE). Morte e nascimento tangenciam-se e são inseparáveis nesse gênero de produção acadêmica, que privilegia a "história de vida". Os textos acadêmicos vinculados a ritos desse tipo têm uma marca peculiar capaz de os distinguir dos demais ritos de passagem. Em primeiro lugar porque se atêm às singularidades e à individualização da trajetória do autor focalizado, ressaltando principalmente aspectos contrastantes e distintivos que o tornaram "notável". Em segundo lugar, porque buscam se coadunar com preceitos intrínsecos a um público restrito de especialistas, mesmo que em um fundo comum de repetições sucessivas, que aparentam enunciar um certo padrão erudito. Diferem também, nesse sentido, dos obituários cotidianamente veiculados pela imprensa periódica, em colunas jornalísticas específicas, que não têm autoria e são feitos para um público amplo e difuso. O próprio Castro Faria teve um obituário desse tipo publicado em *O Globo* de 17 de agosto de 2004 (: 19) e ilustrado com uma bela foto.

Castro Faria, nascido em 5 de julho de 1913, reconhecia em conversas, do alto de seus 91 anos, que sua velhice se acentuou no limiar dos 88 anos. Lendo com dificuldades cada vez maiores, impossibilitado de escrever, ainda que refletindo de modo vivaz ao ditar argumentos e notas para constar de textos em elaboração, não achava mais possível recuperar-se do envelhecimento biológico e às vezes transmitia a sensação de estar sobrevivendo a si mesmo. Entretanto, mesmo essa incontingência não o imobilizava e as implicações da velhice na sua produção intelectual não se fizeram sentir de forma absoluta. No final do primeiro semestre de 2004, completando 91 anos, mostrava-se livre dos solilóquios dos gabinetes, mantendo como auditório permanente, em uma interlocução incessante, dezenas de alunos, ex-alunos e pesquisadores de diferentes instituições. A aposentadoria e a reclusão compulsória na vida doméstica em um cotidiano, que aparentemente condena à solidão, não resultaram em um insulamento do autor. Somente na aparência Castro Faria sugeria isolado.

12. Cf. Castro Faria (1951).
13. Cf. Castro Faria (1970).
14. Cf. Castro Faria (1981).

Em verdade havia e há uma rede de relações sociais e uma divisão de trabalho intelectual que movimentam, em uma engrenagem complexa, diversificada e descentralizada, seus epígonos, seus pares e demais produtores de bens simbólicos (editores, resenhadores, comentaristas) com quem mantinha uma interlocução. Reedições, agrupamento de artigos em livros, organização das ementas e programas dos cursos que ministrou, resgates de textos inéditos e recuperação de anotações de pesquisa, de diários de campo e de fotos bem ilustram esse processo.

Os resultados mais visíveis disso consistem em quatro livros publicados entre 1998 e 2002,[15] isto é, entre seus 85 e 89 anos, e mais dois livros concluídos em 2004 e que se acham no prelo,[16] além de um livro ainda inconcluso.[17] Acrescente-se, com relação ao mesmo período, um texto reeditado e três artigos publicados em periódicos científicos e congêneres.[18] Acrescente-se ainda inúmeras reportagens e entrevistas, em periódicos de

15. Os livros de autoria de Castro Faria publicados no período são os seguintes: a) *Antropologia-escritos exumados-1. Espaços circunscritos; tempos soltos.* Niterói: EdUFF. 1998. Com "Nota de edição" por Antonio Carlos de Souza Lima; b) *Antropologia-escritos exumados-2. Dimensões do conhecimento antropológico.* Niterói: EdUFF. 2000. Com prefácio de Antonio Carlos de Souza Lima; c) *Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte.* Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre Azul. 2001. Com artigos prefaciadores de Heloisa Maria Bertol Domingues, Afrânio Raul Garcia Jr., Gustavo Sorá e Patrícia Monte-Mór; d) Oliveira Vianna. De Saquarema à Alameda São Boaventura, 41 - Niterói. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2002. Com prefácio de Afrânio Garcia e Gustavo Sorá.

16. Os dois livros que se encontram no prelo referem-se respectivamente a: a) apresentação dos cursos ministrados por Castro Faria na UFF e no Museu Nacional/UFRJ, organizado por Antonio Carlos de Souza Lima e Simoni Lahud Guedes, com artigos de Moacir Palmeira, Afrânio Garcia, Roberto Kant de Lima e Alfredo Wagner; b) Raimundo Lopes: dois estudos resgatados, livro que contém reflexões de Castro Faria sobre a obra de Raimundo Lopes, reproduzindo dois textos de Lopes e contendo pesquisa de apoio dos que organizaram materiais em trabalho conjunto com Castro Faria, ou seja: Heloisa Bertol e Alfredo Wagner.

17. Esta publicação foi pensada a partir dos exercícios de conclusão dos alunos de pós-graduação do PPGA/UFF, que freqüentaram o seu derradeiro curso, no primeiro semestre de 2004. Pelo menos oito trabalhos estão diretamente referidos à trajetória intelectual de Castro Faria e ainda existe copioso material videográfico relativo às duas sessões finais do curso que cotejaram os dois diários de campo produzidos durante a Expedição à Serra do Norte.

18. Vide Castro Faria (2000). Vide também a reedição, em 2002, pelo IBGE em colaboração com o MEC, do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú com o artigo introdutório de Castro Faria p. 13-18. Vide: Castro Faria em Domingues (2003).

circulação nacional,[19] duas resenhas de seus livros em revistas científicas, uma menção explícita feita por Lévi-Strauss, em um comentário estendido, em entrevista concedida a jornalista francês[20] e uma resenha em revista científica norte-americana.[21] Importa mencionar também dois vídeos concluídos e um terceiro em edição, focalizando a trajetória profissional de Castro Faria, e também um filme de divulgação científica para TV a cabo.[22] Com destaque podem ser sublinhadas em seqüência duas exposições: uma de fotografias, realizada em Vitória (ES), quando da 21ª Reunião da ABA, em abril de 1998, intitulada "Encontros com Castro Faria", organizada por Patrícia Monte-Mór, e uma outra denominada "Retrato Brasileiro dos Tristes Trópicos", que apresentou vídeos, textos e fotografias legendadas por excertos dos cadernos de campo de Castro Faria, ficou em exibição no Museu Nacional entre 6 de julho e 22 de agosto de 1999, sob os auspícios da Casa de Ciência-Centro Cultural de Ciência e Tecnologia/UFRJ e teve como curadora Heloisa Bertol Domingues. As chamadas visitas escolares, feitas por alunos de unidades de ensino secundário, prevaleceram nessa segunda exposição.

Recusando reduzir o desempenho do autor a qualquer "índice bibliométrico" ou unidade de medida, pode-se dizer que Castro Faria, no seu derradeiro lustro, manteve um diálogo intenso com um público amplo e difuso, ampliando enormemente as possibilidades de seus circuitos de interlocução. Importa, portanto, destacar que o fato essencial em jogo refere-se às relações sociais adensadas nos seus últimos dias de vida. São elas que podem ser justapostas à sua postura testamentária de elaborar seu epitáfio e de administrar a destinação de seus bens simbólicos, estimulando uma forma controlada de sucessão. Em decorrência, as investigações complementares, que Castro Faria pressentiu que não conseguiria concluir por si mesmo ou que não haveria tempo para tanto, seus pares e ex-alunos reuniriam condições de possibili-

19. Vide Domingues, H. M. B.; Monte-Mór, P.; Sorá, G. (1998). Retrato brasileiro dos tristes trópicos. *Ciência Hoje* n. 144, revista de Divulgação Científica da SBPC. Rio de Janeiro, novembro de 1998. p. 34-39. Franziska (2002) e Millen em *O Globo* (2000). Outras matérias jornalísticas podem ser encontradas no *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo* de agosto de 2002.

20. Vide Domingues (1999); Perrin (2003) e Eribon (2002).

21. Cf. Krebs (2005).

22. A partir de entrevista concedida por Castro Faria à jornalista Mônica Sanches foi montada uma sessão especial de um programa de TV levado ao ar pela Globonews em setembro de 2000.

dade para executar.[23] Isso talvez ajude a explicar a atual movimentação da rede de pesquisadores em torno de seu acervo. Sua trajetória intelectual, nesse sentido, para além de outras pretensões e reforçada ademais com a ampla aceitação de público e crítica que tem *Um outro olhar. Diário da Expedição à Serra do Norte*,[24] revela uma volta por cima sobre a velhice e os estigmas da decrepitude ou mais exatamente um *transcensu*, caracterizado por uma posição de Castro Faria como sujeito e, doravante, por uma certa dimensão coletiva da divisão do trabalho intelectual em torno de sua obra.

Mediante essa constatação o presente obituário tanto reconhece, quanto é resultante de um reconhecimento. A eficácia propriamente mágica desse ritual encontra-se para além da usual troca silenciosa entre o obituarista e aquele que é saudado. Em verdade o significado de *transcensu* aponta para uma relação dinâmica, fazendo deste obituário mais do que uma simples maneira de manter a autoridade da fala por meio de um ato de delegação. Aqui o obituarista não fala e sim estaria sendo falado, porquanto a interlocução com o homenageado apresenta-se em continuidade.

Debruçando-se sobre essa sua produção científica mais recente não é difícil perceber porque Castro Faria relativizava os procedimentos analíticos usuais de proceder a clivagens, que opunham "obras de juventude" àquelas da "maturez". Parece ter levado esse senso crítico tão ao pé da letra que o penúltimo livro que publicou, *Um outro olhar* (...), em 2001, foi o primeiro de sua trajetória profissional, escrito em 1938 e mantido inédito desde então. Já o último texto que reescreveu foi sobre a obra de um seu colega do Museu Nacional, Raimundo Lopes, falecido em 1941.

---

23. Além da colaboração e apoio de inúmeros antropólogos, acompanhando os trâmites relativos à sua aposentadoria, tais como José Sérgio Leite Lopes, Heloisa B. Domingues, Marco Antonio Mello e Beatriz Heredia tem-se também antropólogos em diversas atividades voluntárias vinculadas à preservação do seu acervo. Há também em andamento um projeto aprovado pelo CNPq objetivando trabalhos sistemáticos de classificação do arquivo pessoal de Castro Faria, sob a responsabilidade do Conselho Curador e coordenado por Heloisa B. Domingues, no MAST, contando ainda com a participação regular das antropólogas Ana-Amélia Canez Xavier e Anamaria de Souza Fagundes. Caso se proceda a uma listagem com todos os que voluntariamente contribuíram nesse esforço ter-se-á um total não inferior a quarenta antropólogos, historiadores e estudantes de antropologia.

24. Além de ter edições em português e inglês acha-se em negociação uma edição em francês, sobretudo pelo alcance das resenhas já veiculadas em revistas científicas francesas e pela divulgação de suas fotos e textos em instituições acadêmicas da França, que tem sensibilizado o interesse de um público universitário.

A trajetória acadêmica de Castro Faria sugere um paradoxo e aparenta ter sido virada de cabeça para baixo, pois, diferentemente de tantos outros não teve o seu "livro de estréia", senão seus "livros de epílogo", que de certo modo constituem seus primeiros escritos. Tampouco teve "escritos canônicos". Sua produção intelectual, entretanto, foi intensa e refletiu a proeminência de suas posições na consolidação dos limites que instituíram a antropologia como conhecimento científico separado no âmbito do sistema de ensino. São tantos e tão diversos os atos e intervenções científicas que constituem sua trajetória intelectual e se estendem por um período de tempo tão prolongado, que não permitem seja classificado sob um único prisma ou sob uma e apenas uma posição na estrutura do campo da produção antropológica no Brasil. Os 68 anos, entre 1936 e 2004, de práticas científica continuadas em instituições científicas de excelência fazem com que a trajetória de Castro Faria se confunda com o difícil processo de autonomia da antropologia como disciplina científica autônoma. Recuperando, de maneira sumária, tal trajetória cabe destacar que Castro Faria inicia como "praticante gratuito" no Museu Nacional, em 1936, e logo depois como "assistente voluntário" e "naturalista", firmando um pé nos trabalhos etnográficos e no que agora se denomina de antropologia social, avizinhando-se criticamente da antropologia física e da arqueologia, de um lado, e da antropologia biológica, de outro. A interlocução permanente com Heloisa Alberto Torres e Raimundo Lopes, nos dois primeiros anos no Museu Nacional, contribuiu para que pudesse discernir entre os métodos de aplicação de medidas biométricas, incentivados por Bastos d'Ávila e os trabalhos de cunho geográfico de S. Fróes de Abreu; entre os trabalhos analíticos de categorias censitárias de Roquette Pinto e aqueles de Oliveira Viana. As leituras de F. Boas, R. Lowie e A. Haddon ocorreram nesse período. Quando participa, em 1938, da Expedição à Serra do Norte, chefiada por Lévi-Strauss, como "representante brasileiro" e "fiscal" do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas, indicado pelo Museu Nacional, Castro Faria era um jovem etnólogo que, há mais de dois anos, estagiava no referido Museu. Um ano após essa expedição já começava a realizar trabalhos de campo em Santa Catarina e Minas Gerais.[25] Desse período até meados dos anos 1950 sua carreira conheceu diversas passagens: de crítico aprendiz de medidor de crânios, pesquisando sítios arqueológicos e estudando

25. Vide Castro Faria (1942, 1952 e 1955).

antropologia física[26] a intérprete de seqüências cerimoniais em sociedades simples e também etnógrafo, trabalhando com arte indígena, pescadores e garimpeiros.[27] Concomitantemente iniciou suas investigações no domínio da chamada "história do pensamento social brasileiro",[28] focalizando principalmente a produção etnológica no Brasil,[29] compreendendo a literatura dos viajantes[30] dos séculos XVII-XIX, e naquele alusivo aos problemas no ensino da antropologia.[31]

A partir dessas experiências de pesquisa começou a perscrutar o campo de significados da antropologia tomando por base de uma distinção elementar, comportando duas ciências diferentes: a antropologia como ciência natural do homem, estreitamente vinculada à anatomia, e a antropologia social.[32] Estava então em jogo a questão do ensino da antropologia e certos discernimentos faziam-se elementares. Em seus estudos de reconstituição dessa relação, já em 1994, assinala o seguinte:

> Os estudantes de hoje perderam muito essa noção de que a antropologia foi um campo de conhecimento estruturado numa época em que as ciências biológicas praticamente constituíam uma abordagem hegemônica. A antropologia como nome simples, sem nenhum adjetivo no século XIX, quando foi se constituindo como um saber construído e por muito tempo operante fora da academia, era um

---

26. Neste domínio Castro Faria leu e escreveu comentários críticos sobre Paul Broca, Quatrefages de Bréaud e Bertillon, além de Rudolf Virchow. Manteve interlocução também com José Emperaire, que ministrava cursos desde 1945 no Insititut d'Ethnologie em Paris e realizou pesquisas arqueológicas na Patagônia. Manteve até mesmo interlocução pessoal com Juan Comas, que publicou um trabalho de reconstituição histórica das famosas "instruções" para a execução de pesquisas em antropologia biológica. Os textos relativos a esses antropólogos publicou-os depois de 1970, principalmente, sobre "Paul Broca e a sociedade de Antropologia de Paris", em 1973, e sobre "Virchow e os sambaquis brasileiros: um evolucionismos antidarwinista", em 2003.
27. Vide Castro Faria (1951, 1953 e 1956/1958).
28. Vide Castro Faria (1954 e 1956/1958).
29. Vide Castro Faria (1942, 1949 e 1952).
30. Vide Castro Faria (1958).
31. Vide Castro Faria (1957).
32. A prevalência da formação acadêmica em medicina para o exercício da antropologia consistiu em uma característica básica da antropologia brasileira até pelo menos 1949, considerando Arthur Ramos como referência final. No que tange a Castro Faria cabe lembrar, muito brevemente, que sua primeira iniciativa de aproximação com a antropologia teria se dado quando tentou vestibular para Medicina e não foi aprovado.

> saber ligado à academia por outra especialidade, sem a qual ela não poderia se desenvolver. Essa ciência como um lugar já destacado na academia e nas universidades era a anatomia (Castro Faria, 1994: 2).[33]

As iniciativas de separar curricularmente a antropologia de outras disciplinas, às quais se achava institucionalmente subordinada, vão ocorrer durante a década de 1950-1960 com a institucionalização de novas rotinas acadêmicas. A posição de "naturalista" do Museu Nacional e de professor, que Castro Faria passa a assumir mais plenamente desde então, contribui no esforço de mobilização dos antropólogos em torno de medidas que estabeleçam formalmente a antropologia como domínio absolutamente autônomo e não mais restrito a uma "cadeira" na Faculdade Nacional de Filosofia, como sucedia por disposição jurídico-formal desde 1939. Tal mobilização ocorre juntamente com o reforço da identidade profissional de antropólogo por meio de discussões no sentido de ser criada uma associação voluntária que melhor pudesse encaminhar os pleitos.

Em novembro de 1953, ocorreu no Museu Nacional a Primeira Reunião de Antropologia, de cuja comissão organizadora participou ativamente Castro Faria. Em julho de 1955, durante a Segunda Reunião, realizada em Salvador, foi fundada a Associação Brasileira de Antropologia e Castro faria eleito seu Presidente, juntamente com Darcy Ribeiro, Secretário, e Roberto Cardoso de Oliveira, tesoureiro.

Entre 1955 e 1970 Castro Faria se dedica fundamentalmente a trabalhos de elaboração de anteprojetos de cursos, programas, regimentos, grades curriculares e ementas, e na sua execução, visando criar lugares institucionais de onde os professores de antropologia passam a falar. As práticas instituintes.[34] Mesmo com essas intervenções sistemáticas que exigiam pareceres, justificativas e arrazoados para implementar burocraticamente os cursos, constata-se que Castro Faria, no período aludido, mantém

33. Vide Castro Faria (1994).

34. Mesmo com estas intervenções sistemáticas que exigiam pareceres, justificativas e arrazoados para implementar burocraticamente os cursos, constata-se que Castro Faria, no período aludido, mantém uma grande regularidade na sua produção científica. Participa dos dois Encontros Intelectuais, de São Paulo, sob o patrocínio da Unesco, em 1961, e estreita seus laços com Paulo Duarte, que presidiu o evento e Alfred Métraux que foi seu vice-presidente, além de Juan Comas que participou como Relator-geral. Eis os trabalhos que então publicou: Castro Faria (1959, 1963 e 1967).

uma grande regularidade na sua produção científica. Participa dos dois Encontros Intelectuais, de São Paulo, sob o patrocínio da Unesco, em 1961, e estreita seus laços com Paulo Duarte, que presidiu o evento, e Alfred Métraux que foi seu Vice-presidente, além de Juan Comas que participou como Relator-geral. Eis os trabalhos que então publicou: nas quais se empenha Castro Faria, são de curta-duração no decorrer de 1955 e 1956 e se voltam para uma atividade de "aperfeiçoamento" e se desenvolvem no Museu do Índio. A partir de 1960 se consolidam no Museu Nacional e na Universidade do Brasil, depois UFRJ, como atividade permanente, propiciando condições para a criação de cursos de mestrado e de doutorado que posteriormente terão desdobramentos em inúmeras universidades brasileiras. Tem-se, portanto, uma pré-história da reprodução do exercício da prática antropológica como atividade profissional docente e Castro Faria está presente em todas as iniciativas correspondentes registradas no quadro abaixo:

CURSO	COLABORAÇÃO	DATA	INSTITUIÇÃO
Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (CAAC) (Programa)	Darcy Ribeiro, diretor do CAAC	1955	Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos índios - Museu do Índio.
Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (Provas de Seleção).	Darcy Ribeiro	26/05/1995	Museu do Índio
CAAC - Bibliografia do Curso de Introdução à Antropologia Cultural.	Darcy Ribeiro, Mattoso Câmara, Josildeth da S. Gomes	s/d	Museu do Índio
Curso de Especialização em Antropologia Cultural (anteprojeto).	Roberto Cardoso de Oliveira	05/10/1960	Universidade do Brasil
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.	Roberto Cardoso de Oliveira, coordenador	1968	Museu Nacional-UFRJ
Programa de Pós-graduação em Antropologia e Ciência Política.	-	1970	UFF

De maneira resumida, pode-se asseverar o seguinte: como resultado desses atos de institucionalização e dando seqüência a atividades pedagógicas, que já vinha desenvolvendo desde 1949, Castro Faria dedica-se a ministrar cursos de maneira regular. Desde 1968, prioriza o ensino na pós-graduação em antropologia como atividade permanente. Em decorrência não mais assina seus textos como "naturalista" do Museu Nacional e passa a se auto-representar como "antropólogo" e a ser representado principalmente como "professor". Até o primeiro semestre de 2004 tem-se mais de cinqüenta cursos ministrados por ele em diferentes departamentos (antropologia, história, sociologia) de várias universidades brasileiras, tais como, dentre outras: UFRJ, UFF, UFMA e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As discussões teóricas no domínio dos sistemas de pensamento remetem de maneira direta ao tema intitulado por ele de "pensamento social brasileiro" e evidenciam um dos principais focos das suas ações pedagógicas.

Para além disso implementou no Museu Nacional entre os anos 1979-1981 uma modalidade de seminário semanal, aberto e voluntário, onde qualquer antropólogo poderia livremente apresentar seus resultados de pesquisa, não importando o grau de elaboração dos dados. Intitulou essa série de "A quem interessar possa", estimulando uma prática de debate permanente de uma diversidade de temas, problemas e questões.[35] Acreditava que a disposição voluntária de se expor publicamente fortaleceria um "debate dos debates", inibindo lugares-comuns e noções operacionais travestidas de conceitos teóricos e estimulando procedimentos comparativos.

Nesse intervalo de 1978 a 1980 foi novamente eleito presidente da ABA e demonstrou uma outra face da autonomia dos critérios de competência e saber e do exercício da profissão de antropólogo. Dessa vez em face dos aparatos repressivos do Estado. Refiro-me especificamente à sua postura em um grave conflito em terras indígenas, no decorrer de 1978, envolvendo o "desaparecimento", mediante perseguição policial, do antropólogo

35. Dentre os trabalhos apresentados vale ressaltar os seguintes: "Congressos camponeses" por Lygia Sigaud,, "O Brasil como representação" por Afrânio Garcia, "Conflitos de terra no Rio de Janeiro" por Eliane O'Dwyer, "Vilas operárias" por José Sérgio Leite Lopes, "Sociologia dos viajantes" por João Pacheco de Oliveira, "Veredas de uma crise: o caso do açúcar no sul de Alagoas" por Beatriz Heredia. Colaboraram também diretamente com a iniciativa: Otávio Velho, Giralda Seyferth, Gilberto Velho e Moacir Palmeira.

Terri Valle de Aquino, quando realizava trabalho de campo em terras indígenas Kaxinawá do Rio Jordão, Estado do Acre.[36]

Castro Faria não temia se expor e às vezes era de uma franqueza "brutal". No seu derradeiro curso, entretanto, em 2004, se dispôs a si mesmo criticamente. Ainda que fisicamente ausente, em virtude de enfermidades agravadas, acompanhava à distância as discussões, que lhe eram semanalmente repassadas e, quando se sentia melhor, recebia os alunos na sua própria biblioteca, em sua residência em Icaraí. Ao convidar os alunos para uma leitura crítica da história da antropologia no Brasil, submeteu-se ele mesmo à análise e se expôs às comparações com outros autores, bem como a leituras críticas e ao exame severo que ele próprio suscitava. Em suma, finalizou suas atividades profissionais pelo seu começo, quer dizer, colocando à mesa de discussão seu primeiro texto e sua primeira experiência como antropólogo e por extensão todo seu trabalho. O ato de tomar a si mesmo e as suas interpretações por objeto, sem ser complacente consigo mesmo, e acatando as críticas dos participantes, denota mais que uma virtude de professor um procedimento de rigor científico, que afinal é uma maneira proba de se despedir publicamente. E este foi seu ato final.

36. O posicionamento público da ABA, por meio de ofícios às autoridades competentes, de notas à imprensa, de telegramas e de telefonemas diretos para as mesmas autoridades na defesa da liberdade do exercício da atividade de antropólogo, contraposto à aspereza das respostas oficiais da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e da Secretaria de Segurança do Acre, constitui um exemplo vívido das dificuldades de construção do princípio da responsabilidade social dos antropólogos. Castro Faria, que já fora testemunha de defesa de antropólogos politicamente perseguidos, abriu a discussão mobilizando a diretoria, sobretudo Yonne Leite que ocupava o cargo de Secretária-Geral, e os que voluntariamente se dispuseram a colaborar para a publicização do problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. W. B. de. (2003). *Etnografia do arquivo de um antropólogo consagrado-leitura e descrição do repertório de documentos pessoais de Luiz de Castro Faria.* Rio de Janeiro, mar., 40 p.

BACHELARD, G. (1996). O novo espírito científico. Lisboa: Edições 70. 1939.

CASTRO FARIA, L. de. (1942). A antropologia no Brasil e na tradição do Museu Nacional. *Revista do Brasil.* n. 52. Rio de Janeiro.

______. (1942). Notas sobre Santa Catarina – o Litoral e a Serra. *Boletim do Museu Nacional.* Nova Série (NS). Antropologia, n. 1. Rio de Janeiro.

______. (1949). As exposições de antropologia e arqueologia do Museu Nacional. *Publicações Avulsas,* n. 4. Rio de Janeiro. Museu Nacional. 36 p.

______. (1951). Lacerda e a pesquisa antropológica no Brasil. *Comemoração do centenário de nascimento de João Batista de Lacerda* (1846-1946). Rio de Janeiro. Museu Nacional – Departamento de Imprensa Nacional. p. 7-16.

______. (1952). Figures em argile faites par les indiens Karajá du Rio Araguaia. *Actes du IV Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques.* Vienne, T. II, p. 370-375.

______. (1952). Le problème des sambaquis du Brésil: récents excavations du gisement de Cabeçuda (Laguna, Santa Catarina). *Proccedings of the Thirtienth Congress of Americanists* – He. at Cambridge, 18-23. August, p. 86-91.

______. (1952). Pesquisas de antropologia física no Brasil – História. -Bibliografia. *Boletim do Museu Nacional.* Nova Série. Antropologia, n. 13. Rio de janeiro, 20 de abr., 106 p. (c/apreciação crítica de H. Vallois in L'Anthropologie, t. 57. n. 3-4 p. 339-340.

______. (1952). Sculptures em Pierre des paléoameridiens de la cote meridionale du Brésil. Les zoolithes de Santa Catarina. *Actes du IV Congrès International des Sciences Anthropologiques et Ethnologiques.* Vienne, T. II p. 366-369.

______. (1953). Origens culturais da habitação popular no Brasil. *Boletim do Museu Nacional.* NS. Antropologia n. 12. Rio de Janeiro, 1951. (c/ apreciação crítica in L'Anthropologie t. 57, 3-4. Paris).

______. (1954). Oliveira Viana e a renovação dos métodos de pesquisa social. *Anuário da Faculdade Fluminense de Filosofia.* p. 70-77.

______. (1955). A formulação do problema dos sambaquis. *Anais XXXI Congresso Internacional de Americanistas.* São Paulo, p. 885-894.

______. (1956/1958). Roquette-Pinto. *Ensaio bio-bibliográfico.* Revista do Museu Paulista. Vol. X, São Paulo. p. 295-305.

______. (1956/1958). Roquette-Pinto. Ensaio bio-bìbliográfico. *Revista do Museu Paulista*, Vol. X , São Paulo. p. 295-305.

______. (1957). Anatomia e antropologia, alguns problemas de ensino. *Folia clínica e biológica*, 27, 1-12. São Paulo. p. 89-91.

______. (1958). Alexandre Rodrigues Ferreira e a etnologia brasileira. Rio de Janeiro, CNPq-INPA. *Série Viagem Filosófica*. n. 3, 22 p.

______. (1959). *A contribuição de E. Roquette Pinto para a antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 25 p.

______. (1959). O trabalho interdisciplinar em Antropologia. *Revista de Antropologia*. VII (1-2). São Paulo. p. 1-14.

______. (1963). Dez anos após a I Reunião Brasileira de Antropologia. *Revista do Museu Paulista*. N. S. Vol. XIV. São Paulo. p. 17-37.

______. (1967). Homenaje a Juan Comas en su 65 aniversario (sic) *Apreciação crítica in Anales de Antropologia*. Vol. IV. México, p. 274-277.

______. (1967). *Integração Universitária e padrões de trabalhos escolares e científicos*. Rio de Janeiro. UFRJ. 13 p.

______. (1967). Reforma Universitária. Rio de Janeiro. UFRJ. *Avulso*. Lição de Sapientia.

______. (1970). Alberto Childe: o homem, a obra e sua época. Rio de Janeiro: Museu Nacional. *Publicações Avulsas*, n. 60, 23 p.

______. (1977) L. de. Eduardo Galvão (1921-1976). *Anuário Antropológico*. 1976. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro. p. 347-354.

______. (1981). *Curt Nimuendajú*. Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. Rio de Janeiro: FIBGE. p. 17-22.

______. (1993). *Antropologia*: espetáculo e excelência. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. p. 1-25.

______. (1994). "Garimpos". *Revista do Museu Nacional*, n. 2. Dez.

______. (1994). *Antropologia*: duas ciências. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 28 p. (mimeo).

______. (2000). *"Introdução" ao livro Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*: inventário sumário. Rio de Janeiro: MAST. p. 7-13.

DOMINGUES, H. M. B. (1999). A propos d'un "portrait brésilien" des Tristes Tropiques-Carnets inédits de l'expédition dirigée par Claude Lévi-Strauss communiqués par Luiz de Castro Faria. *Passages* n. 99. Paris, nov., p. 31-37.

DOMINGUES, H. M. B.; MONTE-MÓR, P.; SORÁ, G. (1998). Retrato brasileiro dos tristes trópicos. *Ciência Hoje*, n. 144, revista de Divulgação Científica da SBPC. Rio de Janeiro, nov., p. 34-39.

DOMINGUES, H.; SÁ, M.; GLICK, T. (2003). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. p. 125-143.

ERIBON, Didier (2002). "Lévi-Strauss" Le Nouvel Observateur n. 1979. Paris, 10 oct.

FRANZISKA, E. (2002). Um mestre das coisas do Brasil. Nexo. ***Revista da Faperj***. n. 1. Rio, nov., p. 34-35.

KREBS, E. (2005). Book reviews – another look: a diary of the Serra do Norte Expedition. *Isis Journal*, v. 96, n. 1. American Society of History of Science. Mars. *Site*: <http//www. journals. uchicago. edu/Isis>.

MILLEN, Mànya (2000). A memória da antropologia brasileira. *O Globo*. Rio de Janeiro, 7 de ago., p. 2.

PERRIN, Michel (2003). Regard croisés. La photographie, entre donnée et emblème. L'Homme – ***Revue Française d'anthropologie***, n. 165. Paris, janvier-mars., p. 291-300.